

## TESTA BRANCA, O TROPEIRO

Alfred Reitz\*

Aconteceu no altiplano, no oeste de Santa Catarina. Desencilhei meu cavalo diante da pequena venda rural. Ao perguntar ao comerciante, um sírio, onde ficava a entrada do pasto, ele apontou para um imenso portão de varas, logo atrás do puxado.

„Qual o tamanho do pasto? Fechado?”

„Dez alqueires... quatro arames em todo redor”.

Dez alqueires! Uma área imensa. Diabos! Pela manhã bem cedo provavelmente teria que procurar muito para achar meu cavalo. Pinheiros e mato baixo tiravam qualquer visibilidade. Mas deixar meu fiel cavalo preto a noite toda preso, teria sido uma tortura para o animal.

Custou algum esforço fechar novamente o pesado portão. Quando voltei, o lugar diante da venda fervilhava de cavalos e mulas. Tinha chegado uma “tropa”. A maioria dos animais – deveriam ser cerca de trinta – tinha os alforjes vazios, os restantes estavam carregados de sacos de farinha e sal, e caixas com petróleo. Uma tropa-de-erva-mate, que tinha levado erva do chá para a estação e agora voltava com as compras. Será que o homem alto, que não parecia brasileiro, era proprietário ou somente o condutor da tropa? Tal como seus três companheiros, tirou a cela dos animais.

„Uma garrafa de cachaça” pediu ele ao dono da venda, que trouxe rapidamente a caninha. O “tropeiro” molhou com ela as feridas abertas que alguns animais tinham nas costas. Os animais, liberados de suas cargas, rolavam cheios de bem estar pelo chão. Em seguida, aos berros, os empregados fizeram os animais passar pelo portão. Estes seguiram a égua-madrinha que usava um chocalho e espalharam-se pastando por entre as clareiras dos pinheiros.

Quando escureceu, o comerciante chamou para o jantar colocado sobre o balcão da loja. De ambos os lados havia bancos onde os hóspedes se acomodaram. Aos pés do “tropeiro”, veio deitar-se uma cadela da raça pastor, que se levantou de novo com alguma dificuldade para me vir cheirar. Deixou que eu lhe acariciasse a cabeça longa e estreita. Um leve sorriso aflorou nos lábios do “tropeiro”.

“Diana”! O animal voltou para o lado de seu dono, que lhe empurrou um grande prato com comida. Examinei discretamente o homem à minha frente. A partir de algumas observações pude concluir que o homem alto era, de fato, o proprietário da “tropa”, que representava um belo e nutrido capital. “Vocês não têm luz? Já quase não se pode achar o prato”, disse o “tropeiro”.

A luz da pequena lâmpada, que o comerciante trouxe obsequioso, permitiu-me perscrutar melhor o rosto do homem à minha frente. Traços delineados energicamente, que não combinavam com os

---

\* Tradução de Karola Zimber; revisão de Celeste Ribeiro de Sousa. Reitz, Alfred. Testa Branca, der Tropeiro. In: *Serra-Post-Kalender*. Ijuí, Löw, 1950, p.205-224.

olhos escuros, o olhar sonhador. Dos olhos para baixo o rosto era bronzeado. A testa branca destacava-se de modo curioso do tom amorenado. O homem deveria estar no começo dos quarenta. Com um *boa noite* os empregados deixaram o lugar. O homem à minha frente enrolou e acendeu um cigarro de palha de milho. Pensativo, soltou uma baforada aromática.

“O que o trouxe a este canto perdido do Brasil?” perguntou-me ele de repente em alemão.

“Um patrício? Nunca imaginei”.

“Não dá para ver? Claro, claro, quando se está metido no mato há dez anos! Mas, no seu caso, logo percebi pela primeira palavra que trocou com o sírio, que se tratava de um patrício”.

O comerciante havia recolhido a louça. Camas não havia.

“Acomodem-se no balcão”, convidou o sírio.

O homem à minha frente mediu com os olhos o comprimento da mesa desajeitada.

“Nós dois?... Então vamos ter que dobrar os joelhos com vontade. Prefiro deitar-me na varanda para dormir”.

Eu era da mesma opinião. A permanência naquela lojinha, com variados odores a petróleo, peles secas e feijão mofado não era, por Deus, convidativa.

As mantas e os ponchos no chão seco da varanda eram um leito bem melhor que o balcão da loja.

Sentados nas mantas, encostados à parede da casa, tomamos nosso mate e desandamos a conversar. O objetivo da minha viagem, de acordo com as instruções de um proprietário de terras, era verificar quantos “intrusos” estavam assentados nas áreas entre o rio Três Voltas e o rio Santa Theresa. Por “intrusos” entenda-se pessoas que se instalam em terras que não lhes pertencem. Minha tarefa despertou o interesse do meu companheiro.

“Por que o homem quer saber isso?”

“Fala-se de um projeto de colonização com imigrantes”.

“Naquelas terras lá? Terras miseráveis, só pinheiros e erva-mate. O pessoal vai morrer de fome ali.

O senhor deixou que os “intrusos” percebessem qual é sua tarefa?”

Respondi negativamente; o proprietário das terras tinha insistido enfaticamente, para que eu nada dissesse ao pessoal sobre seus objetivos.

“Nisso o senhor fez bem. Se os caboclos tivessem percebido do que se tratava, teriam lhe aplicado ‘a gravata vermelha’”. E fez o gesto da degola.

“As pessoas recusam-se a sair das terras, mesmo quando estas não lhes pertencem. Tenha cuidado. Talvez posso ajudá-lo, conheço toda a região até a fronteira. O que o senhor conseguiu saber até agora?”

Tirei meu livro de anotações e mencionei o nome das famílias que havia localizado.

“Está mais ou menos certo. Faltam aqueles lá junto aos dois rios”.

“Eu pretendia ir lá amanhã”.

“Posso poupar-lhe a viagem. Sei mais ou menos de todos os que lá se estabeleceram”.

Pensou um pouco. Murmurou alguns nomes a meia voz. E eu anotei diligentemente. O encontro com o tropeiro havia-me poupado, de fato, uma cavalgada de três dias por uma região pouco segura. “Se o seu cliente quer realmente colonizar, deve chegar logo com um pelotão de policiais e algumas metralhadoras. Senão ele não vai conseguir remover os “intrusos”. Diga-lhe que o “tropeiro” Testa Branca mandou-lhe dizer isso. Talvez já tenha ouvido falar dele”.

Acendeu um cigarro recém enrolado e olhou para a paisagem bela e encantadora que se estendia à nossa frente. Além dos pinheiros, que se destacavam negros contra o céu azul do anoitecer, a lua tinha aparecido como um grande disco luminoso. Um brilho prateado estendia-se sobre árvores e arbustos. O vento leve, que chegava até nós, trazia consigo um aroma doce, pesado, quase inebriante.

“Testa Branca”! O nome eu já tinha ouvido. Era esse, afinal, o estranho alemão, que morava no meio da floresta virgem entre os caboclos! Provavelmente estes haviam lhe dado o apelido pelo qual era largamente conhecido, devido à sua testa branca.

“Como é perfumado o lilás”. Sua voz era de uma suavidade fora do comum.

“Lilás?”

“Lilás ..., não, ele não existe aqui”. Passou a mão na testa.

“É o cipó, essa planta trepadeira que, ali adiante, se enrosca na árvore de canela... ele está em flor. Que aroma ! Estranho como estes aromas despertam lembranças”.

Arrisquei uma pergunta; considereei que essa vida na mata para uma pessoa acostumada à cultura, é como ser enterrada vivo.

“Assim se pensa quando não se conhece a mata”, respondeu. Havia ironia na sua voz. “Pode ser correto para aqueles que só vêem “vida” na agitação da cidade grande... Mas sua pergunta deixa transparecer outra coisa. O senhor gostaria de saber o que me levou a penetrar tão fundo na mata. Não é?”

Meio sem graça, não respondi.

“Porque não lhe contar”, continuou.

“Não sou um foragido da justiça, como muitos aqui na floresta. Certamente, quando deixei minha velha pátria, nunca imaginei que minha vida ficaria assim. Depois da Grande Guerra, eu não tinha perspectiva de existência, nem sequer do pão de cada dia. Mas no mundo lá fora ainda deveria existir espaço e pão. Portanto, escrevi a um colega de escola, que já havia emigrado antes da guerra. Sua resposta prometia montanhas de ouro. Porém, quando nós, eu e minha mulher, chegamos à terra prometida, a situação era bem outra. A brilhante posição de engenheiro que ele

supostamente ocupava, não passava de um cargo de propagandista de uma sociedade colonizadora. Quando certa vez mencionei isso, referiu-se a algo de uma lista negra dos ingleses, devido à qual havia perdido sua posição durante a guerra. Não consegui encontrar um trabalho adequado. Para que serviam todos meus conhecimentos, se eu não falava a língua do país. Meu colega de escola, Brecht, aconselhou-me com insistência a ir para a colônia, lá eu encontraria antes algo apropriado. Finalmente, não restou outra coisa, se não gastaríamos todo nosso dinheiro com a eterna espera no hotel.

O diretor da empresa de colonização em cujas terras nos estabelecemos, era um jovem no início dos trinta. Diziam que era filho de um fazendeiro fracassado; devia o posto a relações familiares. Entendia um pouco de alemão, mas não falava. Somente - menina bonita, mulher linda – era o que se ouvia dele com frequência. Entretanto, falava francês brilhantemente. Seus pais tinham outrora vivido em Paris, e ele tinha sido educado lá. Diziam que era casado, mas ninguém sabia onde vivia sua mulher.

Comprei uma colônia com 3.000 pés de café. Plantação velha que não dava mais uma colheita plena. Mas, à época, os preços do café em grão ainda eram altos, prometendo bons ganhos. A vida livre me agradava, eu era independente. Só minha mulher não conseguia se adaptar, ela era da cidade, nunca tinha vivido no interior. Algumas vezes, quando acompanhava um grupo de imigrantes, Brecht nos visitava. Ele ouvia as queixas da minha mulher e prometeu ajudar. Um dia, representando o diretor da associação, ofereceu-me um posto de chefia na construção de uma rodovia. Já estava mais familiarizado com a língua da terra. Brecht sugeriu que minha esposa fosse comigo, para ajudar com seu francês que falava bastante bem, pois ele não sabia se poderia estar presente para atuar como intérprete.

Na manhã do domingo seguinte apresentamo-nos ao diretor da colônia. Ele recebeu-nos com a amabilidade sedutora característica do brasileiro educado. Verifiquei que, infelizmente, meu português era ainda bem deficiente, por isso toda negociação foi feita em francês por intermédio da minha mulher. Chegamos rapidamente a um acordo. O diretor garantiu-me um salário que excedia todo o rendimento anual da colônia. Para o trabalho acordado, meus conhecimentos do polonês foram de valia, pois a maioria dos trabalhadores eram poloneses que, com o trabalho na estrada, pagavam por suas colônias.

O diretor pôs livremente à nossa disposição uma casa, não distante do edifício da direção. Ele não acreditava, pensava ele, que minha mulher quisesse morar sozinha na colônia distante. Pouco depois mudamos. Minha colônia foi adquirida por um italiano. Ele me reembolsou a entrada e assumiu a dívida restante.

A casa colocada à nossa disposição era espaçosa e estava em boas condições. Minha mulher soube

torná-la bem confortável com poucos recursos. Podíamos estar satisfeitos com nossa situação. Meu local de trabalho distava cerca de 20 quilômetros da direção. Isso significava que eu tinha que viajar segunda-feira pela manhã e só voltava para casa no sábado ao anoitecer. Eu estava ausente a semana toda. Passávamos o domingo juntos.

Assim passou a metade do ano, eu tinha aperfeiçoado bem meus conhecimentos do brasileiro. Ao término da construção da estrada, o diretor acenou com outro trabalho. Nosso futuro parecia garantido.

Um sábado, quando voltei do acampamento, minha mulher me surpreendeu com a comunicação que havia ganhado o primeiro prêmio em uma loteria beneficente em São Paulo. Mostrou-me um estojo de couro trabalhado artisticamente. Sobre veludo azul repousava uma larga pulseira de ouro onde estava embutido um relógio de senhora. O relógio estava guarnecido de pequenos brilhantes, presos por um anel de platina. De qualquer forma era uma peça muito valiosa, não acessível a mortais comuns.

Olhei espantado para ela: ‘Você não me disse nada sobre a compra de um bilhete de loteria. E de uma loteria beneficente. Só posso te dar parabéns por ter tido tanta sorte’.

Então, ela me relatou como tinha chegado a isso; ela havia-se esquecido completamente de me contar. No mês anterior, ao entregar o meu relatório de despesas no escritório, o diretor tinha colocado 10 bilhetes em sua mão. Sua irmã, a esposa de um rei do café paulista, era presidente de uma comissão que tinha como objetivo construir um lar para crianças abandonadas. Para promover a construção, o governo havia permitido uma loteria. Sua irmã o tinha obrigado a comprar 100 bilhetes e, como ele sabia que nunca costumava ganhar na loteria, presenteou-lhe as cartelas. Outros poderiam ter mais sorte do que ele. E assim tinha acontecido. No dia retrasado, o diretor tinha voltado de São Paulo e contado que um dos seus bilhetes tinha ganhado o primeiro prêmio, e tinham lhe entregue o relógio, para dá-lo ao vencedor.

Um estranho sentimento se apoderou de mim: seria verdade o que ela estava contando para justificar a posse desse precioso relógio ou...? Reparei que ela olhava e falava para além de mim.

‘Parece que você não está lá muito contente com minha sorte na loteria’.

Havia um tom impertinente em sua voz.

Por que não deveria estar? Só que a sorte pôs no seu colo algo que lhe é de pouca utilidade. É um relógio para a mulher de um milionário, que se pode envolver em sedas e rendas, mas não para a mulher de um simples construtor de estradas como eu sou. Venda-o e, com o dinheiro, pode comprar muitas coisas que lhe sejam úteis.

“Eu já disse que o ganhei na loteria”, respondeu ela irritada e não com muita lógica. “Posso, portanto, fazer com ele o que bem me agrada”.

“Naturalmente que pode. Mas por que esse jeito nervoso...? Não lhe estou dando nenhuma ordens... No entanto, gostaria de lembrar-lhe algo... Se você usar esse relógio com roupa de uso diário, o resultado será o de uma figura grotesca, como se um cozinheiro trabalhasse de gravata de seda, adornada com um grosso alfinete de brilhantes”.

“Lá vem você de novo com outra de suas ideias ...” Num movimento rápido, pegou o relógio e colocou-o no armário. “Por mim pode embolorar aqui!” E, irritada, saiu do quarto.

Será que o que eu estava a observar era mesmo uma mudança no comportamento de minha mulher? Ela estava distraída e dava respostas monossilábicas. Concluí que deveria ser consequência da solidão e sugeri que partilhasse por algumas semanas a vida do acampamento comigo; seria fácil arrumar um abrigo adequado. Ela recusou categoricamente e considerou a ideia extravagante. Aborrecido, viajei no dia seguinte. Minha mulher já tinha ido até o galinheiro, sem esperar que eu me despedisse; isso ela nunca havia feito antes.

A explicação não tardou a chegar. Um dos trabalhadores poloneses costumava embriagar-se durante o trabalho, de modo que tinha de mandá-lo até o barracão para se recuperar. Nessa semana, quando o episódio aconteceu pela segunda vez, ameacei despedi-lo, caso o encontrasse mais uma vez embriagado no trabalho. Afinal, um bêbado podia pôr em risco a vida de uma dúzia de operários durante os trabalhos de explosão. Ébrio e cheio de ódio, o sujeito jogou-me na cara que eu não o ameaçaria, se minha mulher não fosse amante do diretor; eu estaria era como ele na estrada com pá e picareta.

Foi uma tapa no meu rosto que me roubou a consciência. Atirei-me a ele e o teria estrangulado, se não o tivessem arrancado das minhas mãos. O capataz puxou-me pelo braço quase com violência, acalmando-me até chegar à minha tenda: que eu não devia levar a sério as palavras do homem; que se dizia que sua mulher já tinha atendido diversas vezes o diretor. E que isso devia ser verdade, porque se não, de onde viriam os vestidos de seda, as meias, os sapatos coloridos de verniz? - A esta altura, também se tornou claro para mim o caso do relógio valioso, que minha mulher dizia ter sido um prêmio lotérico. Era, naturalmente, um presente do diretor e, para disfarçar ele tinha inventado a história da loteria. No caso da polonesa, haviam bastado vestidos de seda e sapatos de verniz, no caso dela teve de ser algo mais valioso.

Agora, eu sabia que o bêbado tinha dito a verdade, e fiquei envergonhado do meu comportamento intempestivo. Quando o capataz se foi embora, examinei meu revólver, encilhei o cavalo e parti a galope. Cheguei a casa por volta da meia noite.

Estava tudo escuro e silencioso. Nenhum latido do cachorro que, quando eu não estava, nunca saía de perto da minha mulher, e que à noite ficava deitado no dormitório. Nem minhas batidas, nem minhas chamadas tiveram resposta. Então, dirigi-me à casa da direção. Também ali tudo estava

escuro. Ao aproximar-me da varanda, um cão chega-se correndo, pulando e ladrando de alegria. Era Diana, nossa cadela. Agora eu sabia onde estava minha mulher. Sentia uma vontade quase incontrolável de arrombar a porta e enfrentar os dois. Mas, já nos primeiros degraus, me veio o pensamento-, que loucura: ele vai te tomar por um ladrão e te matar como a um cão raivoso.

Esperei o amanhecer na soleira de nossa casa. A cachorra deitada a meus pés. Foi a noite mais dolorosa da minha vida. Eu sentia-me como um condenado à morte, que quer adiar a data de sua execução e, por outro lado, deseja que tudo acabe logo. Ao amanhecer caí num sono leve e agitado. Acordei, quando o cachorro se levantou latindo. Passos ligeiros contornavam a casa. No momento seguinte minha mulher, a cabeça envolta num xale, dobrou a esquina. Com um grito, recuou apavorada.

No mesmo momento fiquei de pé. Sem querer, segurei o revólver deixado a meu lado na soleira. Um grito agudo ecoou: “Você quer matar-me!” Era a confissão da culpa. Então, ela virou-se para fugir. Em poucos passos alcancei-a e segurei-a pelo braço.

“Não, se você disser a verdade...”

Ela gemeu e tentou libertar-se. Na casa em frente alguém abriu uma veneziana. Uma mulher de cabelos emaranhados olhava para nós. Era a mulher do operário polonês.

“Entre em casa, se não quiser oferecer um espetáculo interessante àquela ali”.

Ela obedeceu, tentou abrir a porta, mas a chave caiu-lhe das mãos trêmulas. Ficamos um diante do outro no quarto. Tudo em mim estava frio e morto. Nada mais restava do desejo de vingança, que me havia agitado durante a noite. A mulher encostada à parede, os olhos abertos cheios de medo, parecia-me uma estranha. Com a frieza de um juiz de instrução, que apura os fatos, perguntei:

“Você passou a noite na casa do diretor?”

Ela não respondeu, desviando a cabeça para evitar meu olhar.

“Então é verdade o que as pessoas falam, você é a amante do diretor?”

“As pessoas?”

“Sim, as pessoas. Ou você acha que é um acaso eu ter vindo hoje aqui? No meio da semana?”

“Faça comigo o que você quiser”, retrucou de repente.

“Você o ama?”

Amor teria sido uma desculpa. Ela comprimiu os lábios, como se quisesse evitar uma resposta. Vi como sofria. É possível que, naquele momento, se tenha conscientizado de todo o alcance de sua ação. Olhamo-nos em silêncio. Se, na ocasião, ela tivesse achado as palavras certas para um pedido de perdão, creio que a teria perdoado.

Na parede ao lado o relógio arrastava um tique-taque monótono. A mim parecia que dava forma sempre à mesma palavra “Já passou... já passou...” Não sei se minutos ou horas se passaram sob

este tique-taque sempre igual? Não sei. Era tempo de terminar.

“Não nos veremos mais. Nossos caminhos se separam hoje. Você escolheu sua sorte. O que temos aqui é seu. Meus salários atrasados de três meses, também. Notificarei o consulado do que deve ser pago a você”. Dirigi-me para a porta. “Só levo o cachorro”.

Por um momento pareceu-me que ela queria erguer as mãos, implorando. Provavelmente, era um engano. Só a expressão desconcertada do seu rosto continuava.

No dia seguinte fui ao consulado. O cônsul protocolou meu pedido de divórcio.

“É curioso”, observou ele afinal, “como tantas mulheres mudam, ao cruzarem o equador. Há muito que dizer a respeito”.

O divórcio não deveria acontecer. Eu havia aceito a proposta de um brasileiro para supervisionar o corte da erva-mate em suas propriedades no interior. Por isso, só depois de alguns meses, recebi a notícia do consulado para apresentar-me e atender a um assunto urgente. Viajei até lá. O cônsul entregou-me uma carta. A letra era da minha mulher. Apenas poucas linhas. Um pedido de perdão e para não lhe guardar rancor. O cônsul esclareceu, então, estas linhas pouco compreensíveis: ela havia se suicidado. A polícia da cidade havia entregue a carta ao cônsul. Na polícia vim a saber do resto. Tinha sido encontrada ao lado de um banco, no parque; envenenada por cianeto.

A dona da pensão, onde havia morado, deu-me mais algumas informações. Um brasileiro havia alugado o quarto para ela na casa, mas nunca mais tinha aparecido. Ela havia tentado se sustentar dando aulas de francês, também tinha achado algumas alunas que, todavia, também tinham desaparecido. Algumas vezes, disse que tinha dinheiro a receber da empresa de seu marido. Seria suficiente para que ela pudesse voltar à Alemanha. Tinha escrito algumas vezes, mas o dinheiro não havia chegado. Não, não tinha deixado dívidas. Havia vendido, por fim, seu valioso relógio, para viver do arrecadado. Com o último dinheiro ainda tinha pago a pensão.

Visitei-lhe o túmulo. Um túmulo de pobre com um número. Providenciei a exumação e o traslado para o cemitério da comunidade alemã. Ela não deveria dormir o último sono entre a escumalha da cidade grande.

O narrador cobriu por um instante o rosto com as mãos.

Do túmulo ainda fresco viajei para onde a tragédia havia se iniciado. Eu tinha uma conta a quitar, cujo recibo seria escrito com sangue. Mas nada mais restou para fazer. Meu antigo capataz contou-me o que havia acontecido desde minha partida.

Ela não havia vivido com ele. Depois de pouco tempo, o diretor havia-a levado embora. Depois, ele tinha voltado com algumas famílias de imigrantes. Entre elas, havia um casal jovem recém-chegado da Europa. Logo notaram que o diretor se interessou pela mulher ainda moça. O casal não tinham dinheiro para comprar uma colônia. O marido recebeu, então, um emprego bem pago na



construção de estradas, ficava a semana toda fora trabalhando, ficando a mulher na central da colônia. A velha estratégia servia de novo ao mesmo objetivo. Para tornar a mulher complacente, ameaçou despedir o marido. O caso logo se tornou conhecido. Havia muitos olhos observando. O homem surrou a mulher, até que ela lhe implorou, em nome do filho e da Virgem Maria, para não a matar e para perdoá-la. Ele deixou-a, pegou a espingarda de cano duplo, carregada com chumbo grosso, e tocou o diretor numa curva do caminho. A cinco passos do Don Juan descarregou-lhe a carga da arma no abdomen. Quando o encontraram, estava agonizando. Sofreu durante três horas, plenamente consciente, até chegar o fim, tempo suficiente para arrepender-se. Nessa mesma noite, o italiano desapareceu com a mulher. Alguns patrícios ajudaram-no, provavelmente, a levar suas coisas. Quando a polícia chegou no dia seguinte, ele estava longe. Dizem que está no Paraná e, lá, está seguro.

O narrador silenciou. Amorosamente acariciou a cabeça da velha cachorra que dormia ao seu lado. “Não sei, por que lhe contei tudo isso. Nunca falei com ninguém a este respeito. Mas uma noite como esta acorda coisas esquecidas. As sombras pálidas da lembrança erguem-se e fazem as cordas da alma vibrar. Foi numa noite cheia de luar e de perfume de flores que nos beijamos a primeira vez. Ambos tão jovens e cheios de esperança. Quantas vezes me perguntei: qual de nós dois, homens atingidos pelo mesmo destino, agiu corretamente? Aquele que seguiu cegamente seus instintos, ou eu? O bom senso quer me dar uma resposta: o parecer amadurecido, a experiência, todas essas competências, sob as quais se esconde o egoísmo do ser humano, ajudam-no. Assim mesmo uma voz interior sempre fala contra. Quem sabe o senhor pode me dizer: agi certo?”

A pergunta pegou-me inesperadamente. Refleti rapidamente e depois gaguejei:

“Só posso dizer que o senhor agiu de forma inteiramente correta”.

Um sorriso amargo desenhou-se na boca do “tropeiro”.

“Sim, corretamente! Certo. Correção, com isso calamos o coração, quando ele levanta a voz. Vamos deixá-lo descansar. Provavelmente, ninguém poderá dar a resposta certa”.

Nuvens de neblina formaram-se sobre o riacho do pasto.

“Está ficando frio. Também são horas de dormir, disse meu vizinho.

Estendemo-nos sobre as peles e nos enrolamos nos ponchos. O sol já despontava por cima dos pinheiros, que ladeavam o campo distante, quando acordei. A tropa estava quase pronta para partir. O dono e os empregados estavam encilhando os últimos animais. Eu devia ter dormido muito profundamente, pois nem acordei com o barulho.

“Este cavalo preto aqui é o seu, não é? perguntou-me o “tropeiro”.

“Ele logo se juntou aos meus animais e veio com eles”.

Foi-me poupada uma longa procura pelo pasto coberto de orvalho. Coloquei o cabresto no cavalo e

amarrei-o num poste.

O último animal da tropa estava encilhado. Cestos de vime haviam sido pendurados nos dois lados da sela. O “tropeiro” levantou a cachorra e colocou-a em um dos cestos.

“Ela ficaria pelo caminho, se eu a deixasse solta. Diana está velha demais para fazer viagens longas”.

Em seguida, amarrou o chapéu de abas largas sob o queixo.

“Fiquei contente em encontrar um patrício. Em geral, evito encontrar-me com pessoas. Não se perde nada com isso”.

A tropa estava pronta.

“Vamos”, ordenou o “tropeiro”.

Os empregados montaram. Dois colocaram-se na ponta, atrás deles seguiu a madrinha. Primeiro, uma grande confusão, cada animal tentava passar o próximo. Depois, a tropa se organizou. Um animal seguia o outro. O terceiro empregado fechava a tropa.

“Aqui está, a última tropa de erva-mate deste ano. Agora, fico doze meses na mata. Quem alguma vez se deixou pegar pela mata, não a deixa mais”.

Ele deu-me a mão e passou o braço pelos meus ombros de acordo com o hábito brasileiro.

“Não vou insistir num convite. Mas se seu caminho o trouxer mais uma vez para cá, o senhor será muito bem-vindo. São só dois dias de viagem daqui. Qualquer caboclo pode mostrar-lhe o caminho para meu Retiro. Basta perguntar pelo “tropeiro” Testa Branca. Até mais”.

De um salto subiu na mula. Ergueu a mão num cumprimento. Um sorriso melancólico desenhou-se em seus traços morenos.

“Também encilhei meu cavalo. Dois dias de viagem esperavam por mim. Tinha que me concentrar, se quisesse alcançar a tempo o trem para o norte”.

Durante a viagem, a pergunta do “tropeiro”: “agi corretamente?” ainda me soava aos ouvidos.